

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

179

INSCRIÇÕES 676-677



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



EPÍGRAFE FUNERÁRIA DE ARIZ,
MOIMENTA DA BEIRA

Fragmento de estela funerária, de granito, com inscrição latina, identificado no interior de edifício rústico, o nº 6 da Rua da Sede da Junta, em Ariz, concelho de Moimenta da Beira, onde ainda se encontra, na posse dos descendentes de Afonso de Jesus Teixeira Basílio (FIG. 1). Está o sítio actualmente integrado na União das Freguesias de Peravelha, Aldeia de Nacomba e Ariz, concelho de Moimenta da Beira. Desconhece-se a sua proveniência.

O campo epigráfico, rebaixado, é limitado por moldura em filete e meia cana (FIG. 2) Na parte superior, duas rosáceas sexipétalas, em relevo obtido por se haver escavado o círculo em que estão inseridas. Já se não encontram completas, por virtude de a pedra ter sido cortada a cerca de $\frac{3}{4}$ da altura das rosáceas. Nota-se, porém, que terá sido cuidadoso o trabalho do canteiro que o esculpiu.

Em baixo também foi cortada uma boa porção, que levou quase metade, em altura, da l. 5.

Cumprе justificar a inserção no *Ficheiro Epigráfico* do estudo desta epígrafe, porque, na verdade, ela se não encontra inédita, no sentido rigoroso do termo; sucede, porém, que as referências que, ao longo do tempo, lhe foram feitas, acabaram por estar incompletas e, sobretudo, não chegaram ao conhecimento de quem as pudesse disponibilizar ao mundo científico.

Foi Manuel Alcino Magalhães o primeiro a dar notícia da epígrafe¹. Ao falar de uma casa contígua à residência paroquial, «hoje pertença de Afonso de Jesus Teixeira» (p. 110), afirma: «Esta tem dentro uma curiosidade». Explica:

«Quando a construíram colocaram numa ombreira da janela uma pedra de granito que merecia figurar num museu e, afinal, teve a pouca sorte de cair debaixo da picareta dum pedreiro², mais inclinado a aproveitar as pedras já quase aparelhadas por outros, do que à conservação de achados arqueológicos». Não hesita em afirmar que se trata de «uma estela funerária muito antiga», «cuja leitura compete aos especialistas em epigrafia». Em todo o caso, não deixa de sugerir («eu atrever-me-ia a pensar», escreve) que «teria sido dedicada a duas pessoas, falecidas uma com 15, outra com 30 anos, descendência dos Rufinos e dos Rufos» (p. 111). Dá a explicação do que significam as siglas iniciais e acha que a fractura inferior poderá ter feito desaparecer a fórmula *S(it) V(obis) T(erra) L(evis)*. Termina perguntando, mui judiciosamente, «donde terá vindo esta pedra?», não deixando de referir que «ainda mais importante que ela, seria o local do achado, onde outras estarão cobertas de terra e cascalho e poderiam conduzir a pesquisas mais profundas» (p. 112).

No trabalho do Seminário de Arqueologia intitulado «*Contributo para o Estudo do Povoamento Romano da civitas Arabrigensis*», não publicado, apresentado, em 2004, no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Gonçalo Moreira, Marco Matos e Nuno Pedrosa fizeram-se eco (p. 35 e 56 – ficha nº 9 – e est. XIV) do que Alexandre Valinho dera a conhecer, um ano antes, na sua dissertação de mestrado³: «uma estela funerária

¹ Na monografia *Ariz – Um pouco da sua história*, Viseu: Junta de Freguesia de Ariz, 1998, p. 104-106. O livro teve, em 2006, uma 2ª edição, também editada pela Junta, de cujas páginas 110-112 vamos retirar as informações acerca do achamento da estela.

² Não terá sido propriamente sob a picareta mas o martelo. Registe-se, em todo o caso, que mais uma vez se manifestou, apesar disso, um certo ‘religioso’ respeito pelo letreiro, porque houve o cuidado de o deixar à mostra.

³ VALINHO (Alexandre Tiago dos Santos), *A Ocupação Humana no Alto Paiva*

embutida na parede de um palheiro», «muito bem lavrada, encimada por duas rosáceas parcialmente fragmentadas; com um campo epigráfico bem delimitado por uma moldura em filete simples e com 33 cm de largura, sendo a altura impossível de determinar por a peça se encontrar fragmentada na sua base». Assinalam o conteúdo do texto e concluem: «É uma inscrição de monumento colectivo, provavelmente familiar [...]».

Foi a verificação que estes dados – pelas circunstâncias em que foram expressos – não haviam entrado, digamos assim, no ‘circuito epigráfico’ que nos levou a fazer agora o ponto da situação acerca da epígrafe (Fig. 3).

Dimensões: 47/49 x 42/45 x 18/20.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / RVFINO RV/FI ·
ANN(orum) · XV (quindecim) / ET · RVFO RV⁵FINI ·
ANN(orum) · XXX (triginta) / [...] [?]

Consagrado aos deuses Manes. A Rufino, filho de Rufo, de quinze anos, e a Rufo, filho de Rufino, de trinta anos. [...]

Altura das letras: 6 cm.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda e pontuação circular. Sente-se, pela regularidade dos espaços interlineares, que houve linhas de pauta, ora imperceptíveis. Preocupação de seguir, na fórmula inicial, um eixo de simetria.

Tendo em conta as proporções do monumento, é natural que tivesse havido duas ou três linhas mais, em que, como logo Manuel Alcino Magalhães sugeriu, poderia estar o voto «que a terra vos seja leve» ou mesmo, de preferência (dizemos

no I Milénio a. C.: uma Abordagem Espacial, dissertação de mestrado (não publicada) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, II volume, p. 49, ficha nº 11. Agradecemos a Mestre Alexandre Valinho ter-nos prontamente facultado cópia desses dados.

nós), a identificação da(o) dedicante.

Caracteres actuários, denotando *ductus* com leve inclinação para a esquerda, bem evidenciada no M da l. 1 e em XV da l. 3; **O** elíptico; **A** com travessão; a perna do **R** não toca na haste vertical; **N** a denunciar a inexistência do uso de escantilhão para esboçar sobre a pedra o letreiro, na medida em que a haste oblíqua, não inteiramente rectilínea, não chega a tocar a ponta final da haste da direita.

A opção pelo dativo – a que também não é alheia a presença da decoração – empresta ao monumento uma conotação de dolorosa homenagem, compreensível se verificarmos que se recordam um jovem de 15 anos e Rufo de 30.

A onomástica é latina, embora usada à maneira indígena (nome próprio seguido do patronímico). De acordo com os dados disponíveis em 2003, haviam-se registado, até então, mais de uma centena de ocorrências do nome *Rufinus* e mais de 120 de *Rufus* na Lusitânia⁴. Ao analisar a frequência de nomes pessoais na Hispânia, Juan Manuel Abascal⁵ havia já indicado que, com 203 testemunhos, *Rufa/-us* ocupava o 2º lugar nesse rol e *Rufina/-us* o 5º, com 163. Uma frequência justificável pelo significado concreto do nome: *rufus* quer dizer «ruivo». Numa população em que os morenos seriam, em princípio, a maioria, os ruivos distinguiam-se. Por outro lado, *rufinus* é o diminutivo de *rufus*.

Chegados a este ponto, importa sublinhar que – como atrás se assinalou – uma relação de parentesco entre os dois defuntos está perfeitamente justificada. O pai de *Rufinus* é *Rufus* e o pai de *Rufus* é *Rufinus*. Cumpre, pois, reflectir: os «dois» *Rufi* mencionados podem, na verdade, serem não dois mas o mesmo, atendendo a que, mui provavelmente, o monumento foi erigido pela mãe do jovem, aquando da morte deste, aproveitando a dolorosa circunstância para incluir no mesmo epitáfio o marido, falecido antes. Ou seja, não se deve

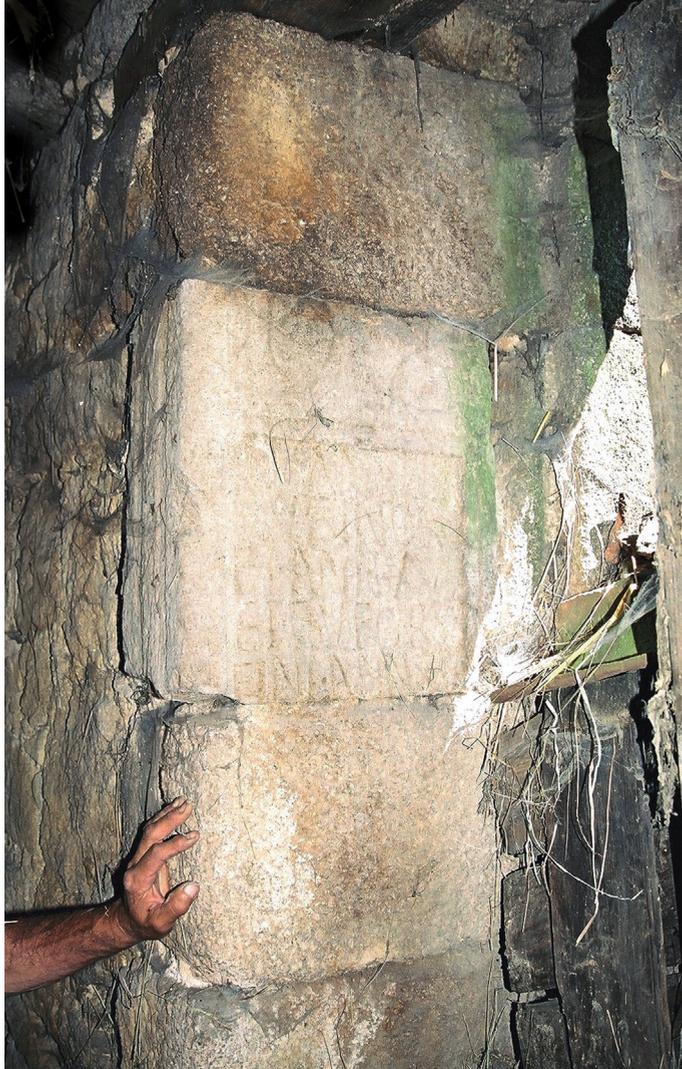
⁴ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 282-284 e 286 e p. 286-287 (mapa 258 na p. 285), para *Rufinus* e *Rufus*, respectivamente.

⁵ ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 31.

pensar que ambos os falecimentos ocorreram na mesma altura e o mais normal é, de facto, que o do pai tenha precedido o do filho. Sendo assim, houve bem sugestiva continuidade onomástica na família, porque ao neto foi dado o nome do avô, hábito que ainda hoje por vezes se verifica. Uma continuidade que denota, por outro lado, precoce adaptação aos cânones romanos.

Pela paleografia, pela presença da consagração aos Manes e pelo modo de identificação dos defuntos, é epígrafe datável de meados do século I da nossa era.

JOSÉ CARLOS SANTOS
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



676

